

FLÓRIDA CHRISTIAN UNIVERSITY- CAMPUS UNIFUTURO- NÚCLEO NORDESTE- MESTRADO
EM EDUCAÇÃO

MARIA DE OLIVEIRA VIANA

A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NO ÂMBITO DA ESCOLA: Uma reflexão necessária

ARACAJU- SE

2016

MARIA DE OLIVEIRA VIANA

A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NO ÂMBITO DA ESCOLA: Uma reflexão necessária

Artigo Científico apresentado à Flórida Christian University como requisito de avaliação da disciplina Engenharia de Ideias e Criatividade ministrada pela MS. Sandra Morais.

ARACAJU-SE

2016

RESUMO. O presente artigo objetiva abordar o tema violência simbólica no âmbito da escola como uma reflexão necessária. Utilizou-se da pesquisa bibliográfica, tomando-se como base as contribuições de estudiosos como Pierre Bourdieu e Kupfer na perspectiva de provocar uma reflexão acerca de como as manifestações simbólicas ocorrem nas relações da escola com a família, a sociedade e seus indicativos de prevenção. Os teóricos aqui mencionados abrem um contraposto significativo quanto às suas teorias, pois enquanto Bourdieu discorre a teoria simbólica como intencional, maldosa, Kupfer a menciona como essencial e estruturante.

Palavras-Chave: Violência Simbólica. Escola. Família. Prevenção.

ABSTRACT. This article aims to address the topic of symbolic violence within the school as a necessary reflection. The bibliographical research was based on the contributions of scholars such as Pierre Bourdieu and Kupfer in the perspective of provoking a reflection about how the symbolic manifestations occur in the relations of the school with the family, society and its indicatives of prevention. The theorists mentioned here open a significant counterpoint to their theories, for while Bourdieu discusses symbolic theory as intentional, malicious, Kupfer mentions it as essential and structuring.

Keywords: Symbolic Violence. School. Family. Prevention.

1. INTRODUÇÃO

A violência nos dias atuais apresenta-se como um dos maiores problemas que afetam a nossa população, assim como a outros países no mundo, requer uma preocupação voltada para a atenção de todos por negar direitos fundamentais das pessoas. As explicações para isso advêm de vários fatores, a exemplo do nosso modelo econômico e social excludente que pactua com as mais diversas diferenças entre os brasileiros, desta forma restringe o acesso aos bens sociais em privilégio de poucos. O Brasil carrega o escudo de um dos piores países em distribuição de renda mundialmente reconhecido. Nesse sentido ela se manifesta de várias formas e nos vários ambientes, nessa abordagem, em especial na escola, uma vez que os processos de violência se encontram instaurados na e pela educação.

De acordo com (KUPFER, 2007), a violência simbólica é necessária e estruturante. A autora dispensa sua atenção nos estudos sobre violência pelos anais da psicanálise, e afirma que o educando deve encontrar no professor a figura de referência, de um modelo ideal, mas que a ordem, os ditames da lei, o limite, não devem ser impostos ao aluno, pois a negação destes elementos resultará em agressividade e violência de fato, o que se constitui na falta da violência simbólica.

Já Bourdieu, aponta para uma outra vertente da violência simbólica que é o abuso da autoridade pedagógica. Conforme o autor, a instituição escolar tem usado das suas forças de poderes e usado a imposição da cultura das classes dominantes como legitimada, atribuindo privilégios àqueles que de berço já pertencem a essa cultura em detrimento daqueles pertencentes a outra cultura, obrigando-os a abdicarem de suas ideologias e participarem de uma nova cultura imposta, ou então serão postos como excluídos, menosprezados e às margens da sociedade. Nesse caso, fica patenteada a imposição de uma violência simbólica malvada, humilhante, opressora e que na maioria das vezes pode se perpetuar em consequências mais severas que a própria violência real.

2. A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA COMO INSTRUMENTO DE DOMINAÇÃO OCULTO NO AMBIENTE ESCOLAR

Imaginar uma escola que respeite os educandos com suas diferenças e proceda como um espaço de todos, hoje, é uma realidade muito distante das nossas escolas, contraditório ao que pensamos, a escola se manifesta impondo regras e indicativos da cultura o que se configura como interesse de alguém do contexto, na maioria dos casos, não é raro se observar a imposição da classe dominante e diante desse quadro, os beneficiados serão os alunos que mais se aproximam dessa cultura imposta pela escola. Isso fica visível desde a escolha dos conteúdos postos nos livros didáticos, visto que sem estabelece uma relação de forças

pertinentes às classes sociais, elevando-se aos demais, daí futuramente serem bem representados no ensino superior em detrimento das classes menos favorecidas.

Um dos vieses que nos permitem essa percepção, no âmbito da escola, são os critérios de avaliações que, sejam elas escritas ou orais, o aluno é analisado pela sua postura e desenvoltura em ambas as situações.

É notório que aquele que dispõe das condições que a escola adota como “molde” desde os seus primeiros contatos com ela logrará de melhor êxito. O que se ratifica nesse sentido é que o julgamento se dá primeiro pelas “condições de excelência sociais” e a posteriori pelas condições de “excelência escolar”, vê-se que o sucesso do aluno está diretamente ligado aos hábitos semelhantes e entre ele e o professor. Isso também acontece nos concursos públicos que consagra os detentores estatutários da competência social, do direito de dirigir, dentre outras explicações que classificam e ratificam a condição de supremacia do dominante sobre o dominado. Daí Bourdieu definiu a violência simbólica como o processo pelo qual a classe que domina economicamente impõe sua cultura aos dominados.

3. A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA SOB A ÓTICA DE BOURDIEU

Pierre Bourdieu, sociólogo francês, desenvolveu seus estudos à luz de estudiosos como Mark, Durkheim e Weber, assim como influenciou grandes pensadores nacionais e internacionais, a partir da sociologia da educação e da cultura. Autor contemporâneo que focou suas análises nas relações sociais presentes e de como os grupos sociais se fixavam, daí elaborou a teoria da reprodução com base no conceito de violência simbólica. Aponta a escola como a principal responsável pela reprodução das classes sociais.

Para BOURDIEU e PASSERON (1970) existe uma violência na educação que é considerada inevitável e inerente a esse processo escolar. Segundo os mesmos, toda ação pedagógica é uma violência simbólica, por reproduzir a cultura dominante, sua ideologia, infligindo um modelo padrão de sociedade de classes e para as relações de poder e hierarquia.

A ação pedagógica é objetivamente uma violência simbólica, num primeiro sentido, enquanto que as relações de força entre os grupos ou as classes constitutivas de uma formação social estão na base do poder arbitrário que é a condição da instauração de uma relação de comunicação pedagógica, isto é, da imposição e da inculcação de um arbitrário cultural segundo um modo arbitrário de imposição e de inculcação (educação). (BOURDIEU; PASSERON, 1970 p.27)

Segundo Bourdieu, a escola produz a violência simbólica que reproduz as estruturas de classe e sinaliza o trabalho pedagógico como uma ação coercitiva, e a ação pedagógica, como violenta.

4. A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA SOB A ÓTICA DE KUPFER

Para Kupfer, a violência simbólica vem de vários fatores, se manifesta de muitas maneiras, é algo complexo. Dados as suas contribuições vistas pela linha de psicanálise esta não é uma imposição arbitrária, pois a pessoa que a pratica também está submetida a essa ordem. A autora considera a violência simbólica necessária e que falta nas escolas e por falta dela surgem as respostas que são de natureza real, imaginária e simbólica.

No caso da violência imaginária os alunos responderão com ataques ao professor que é colocado como pequeno e sem valor, que não representa mais o papel de grande outro e não lhes significa uma referência, um ideal. Sendo assim, na escola particular, como fala Kupfer, ouvirão coisas do tipo “você não pode me reprovar, pois sou eu que pago seu salário” (KUPFER, 2007. P.144). Já na escola pública seu carrinho velho ou, como fala a autora, “seu fusca 68” (KUPFER, 2007. P.144), jogado e amassado será o motivo do desrespeito. Dessa forma, mergulhado por esses desrespeitos e desvalorização o professor responderá, usando de autoritarismo e violência na forma de educar, já que falta para este autoridade de fato.

No percurso dos seus estudos a autora afirma suas considerações sempre na defesa pela existência da violência simbólica e atribui isso às falhas que a escola e a sociedade cometem com os alunos e com os nossos jovens, que por várias consequências e por acreditarem nas regras da sociedade, acabam deixando a escola e caindo na delinquência.

5. INDICATIVOS LEGAIS E DE PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

Considerando-se que a escola é um dos espaços de maior importância para a socialização das crianças e adolescentes com respeito à manutenção do direito integral destes, conforme prevê a Constituição Federal no seu art. 227 que diz:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e a convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Com vistas às possibilidades de que a escola se torne de fato um espaço ideal na perspectiva do respeito às diferenças é necessário um esforço conjunto de pais, estudantes, professores, gestores, corpo de apoio, Conselho Escolar, Associação de Pais, Mestres e Funcionários (APMF), grêmios estudantis, sociedade civil, dentre outros, a fim de que se tomem efetivas medidas para uma educação de qualidade:

- Tornar visível as relações da escola com os órgãos de defesa dos direitos das crianças e dos adolescentes que compõem a rede formal;
- Promover o conhecimento através de debates e reflexões dos elementos contidos na legislação vigente, de forma que pais ou responsáveis, estudantes, trabalhadores (as) em educação, adquiram conhecimento acerca do ordenamento jurídico e suas penalidades, assim como das medidas disciplinares pedagógicas;
- Instrumentalizar a comunidade escolar sobre a temática da violência simbólica e o contexto que abarca o ato infracional e indisciplinar;
- Reconhecer como fundamental o papel da instituição escolar na descoberta e no direcionamento, promovendo debates e reflexões a respeito de temas relacionados ao sistema educacional, de acordo com as normas disciplinares ou infracionárias;
- Promover a intervenção positiva dos órgãos dispostos para proposta de uma nova política de atendimento a juventude, de acordo com o que prevê o Estatuto da Criança e do Adolescente, Constituição Federal, Código Penal, Código Criminal, Código Civil e Regimento Escolar.

5.1 MENDONÇA (2011) contribui com as seguintes orientações:

- Levantar junto à comunidade escolar um diagnóstico sobre os tipos de violência, a frequência em que ocorrem e fazer um comparativo com as violências sinalizadas;
- Realizar um mapeamento das violências da escola e na escola a partir de queixas dos funcionários em educação, dos estudantes, para verificação e diagnóstico;
- Adentrar ao espaço social e geográfico para verificar as situações de violência na comunidade e seu entorno e constituir um levantamento;
- Trabalhar coletivamente e promover discussões no trabalho em Rede no ambiente escolar, e externo em parceria com as instituições estaduais;
- Propor e executar ações que reforcem e valorizem o papel da escola com um ambiente de construção histórica e crítica do saber;
- Adotar medidas de proteção que assegurem a convivência das crianças, adolescentes e jovens dentro e fora nos arredores da escola que permitam a interação entre escola, família e a comunidade;
- Desenvolver atividades de práticas esportivas, culturais e sociais para as crianças, adolescentes e jovens, de forma que estes façam parte de grupos e no sentido de amenizar a falta de políticas públicas voltadas para esse contexto.

- Articular busca de soluções integradas nos diferentes setores governamentais e das sociedades civis vinculados à educação, segurança, cultura dentre outros.
- Promover a valorização, formação continuada dos trabalhadores (as) e funcionários (as) em educação e capacitá-los para demandas atuais e específicas, destacando-se a violência no núcleo escolar;
- Priorizar a melhoria da estruturação das escolas da rede pública com instalações físicas adequadas, equipes multidisciplinares e equivalência do número de estudantes à capacidade da sala de aula.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática da violência simbólica no ambiente escolar tem como base originária as relações humanas no seu cotidiano, entre os pares de pessoas ou grupos étnicos, raciais, religiosos, sexuais, econômicos, sociais e culturais.

As diferentes esferas da sociedade, a exemplo da escola, do Estado, da mídia, são instrumentos promotores direta ou indiretamente dessa desagradável realidade. A escola em si evidencia mais acentuadamente esse fato pela natureza de suas ações de intolerância e negligência dos direitos à diversidade gerada pelo alheio respeito aos fenômenos históricos, políticos, sociais e culturais.

É necessário considerar que são diversos os fatores que contribuem para o crescimento da violência simbólica, desde a ausência de estratégias e mobilização dos saberes para coibir as atitudes de violência até as mais complexas infrações do estado de direito dos nossos pequenos, jovens e adultos cidadãos.

Bourdieu e Passeron nos mostraram que a escola não tem cumprido com seu papel de libertadora e emancipadora, tem sido um meio mascarado de impor a violência simbólica e que fatalmente acaba por reproduzir as desigualdades sociais. BOURDIEU (2008), afirma que “toda ação pedagógica é arbitrário de um arbitrário cultural.” Essa pesquisa nos permitiu conhecer duas teorias referentes à violência simbólica, abordadas de forma que os autores deixam claras suas ideias contrapostas, onde uma defende a violência simbólica como positiva e a outra a institui como perversa. Acreditamos ser essa pesquisa de grande contribuição para a sociedade, em especial para toda comunidade escolar, por nos permitir clarear o nosso conhecimento a respeito de um tema de grande relevância nos nossos dias atuais, pois a violência simbólica se apresenta com várias faces. Acreditamos ainda, que com esse estudo a instituição educacional possa orientar seus professores e demais profissionais para um olhar diferenciado de seus alunos que não os permita o cometimento ou cumplicidade da referida

violência, pelo contrário buscar vivenciar na escola a violência simbólica necessária e estruturante, conforme defende Kupfer.

7. REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 3. Ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

_____. **A Reprodução**. Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Francisco Alves Editora S/A: Rio de Janeiro, 1975.

BOUDIEU, Pierre. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

_____. **O poder simbólico**. 7. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. **Meditações Pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. **Escritos de educação**. Organização: Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. Petrópolis, Vozes, 1998.

BOUDIEU, P. A Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI. Afrânio (org.), **Escritos de educação**. Petrópolis, Vozes, 1998.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. 5.Ed. São Paulo: Perspectiva, 1982.

KUPFER, Maria Cristina Machado. **Educação para o futuro: psicanálise e educação**. São Paulo: Escuta 2007.